

CEDI P.I.B.
DATA 08/04/84
CUB YAN 00329

São Paulo, 10 de abril de 1985

Prezados amigos,

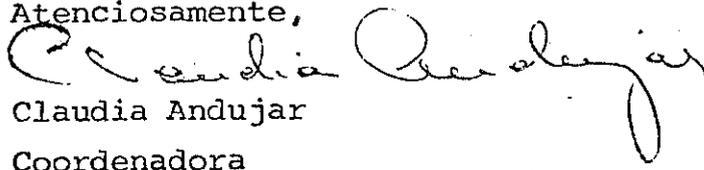
A Comissão pela Criação do Parque Yanomami - CCPY - está preparando um dossiê com parecer jurídico ligado à questão da terra Yanomami, enfocando as consequências da invasão de Surucucus (vide texto 1), para serem entregues aos Ministérios de Justiça, do Interior e das Minas e Energia.

Assim seguem três documentos ligados a problemática:

1. Yanomami: a invasão armada de Surucucus.
O inconformismo de setores radicais anti-democráticos;
2. Os garimpos da região dos rios Apiaú e Alto Catrimani na área Yanomami;
3. Pronunciamento do Deputado João Batista Fagundes no Congresso Nacional em 07.03.85.

Análise e divulgação das matérias em anexo é da maior importância para sensibilizar os órgãos competentes da urgência de criar o Parque Indígena Yanomami, pois os perigos que corre o povo Yanomami estão intimamente ligados ao fato de que o Parque ainda não foi demarcado.

Atenciosamente,


Claudia Andujar
Coordenadora

Comissão pela Criação do Parque Yanomami - CCPY -
Rua São Carlos do Pinhal 345
01333 São Paulo, SP

OS GARIMPOS DA REGIÃO DOS RIOS APIAÚ E ALTO CATRIMANI NA
ÁREA YANOMAMI

No último ano morreram vários índios Yanomami e muitos garimpeiros na região da bacia do rio Apiaú, área tradicionalmente Yanomami e interditada pelo Ministro do Interior em 1982. Tanto uns como outros foram vitimados por surtos de malária e sua consequência, a hepatite. A malária na região do rio Apiaú e na bacia do rio Catrimani ultimamente está se tornando virulenta e há muitos casos resistentes à cloroquina. Na bacia do rio Anaualina a malária apareceu somente depois de 1983, entre populações totalmente desprevenidas, em consequência da expansão das atividades garimpeiras na região do Apiaú, transmitida pelo contato desordenado com índios isolados. Entretanto, parece que os garimpeiros não se incomodam com esses fatos, ou pelo menos não o bastante para desativar seus sítios de trabalho. Os índios, porém, revoltados com as mortes e doenças de seus parentes, estão se organizando. Mesmo aqueles que no passado próximo viam vantagens na presença garimpeira por oferecer facilidades na troca de bens, em janeiro último se rebelaram contra os invasores e tomaram a iniciativa, junto com outras comunidades Yanomami, de exigir a imediata retirada dos invasores. Os quase 50 guerreiros, pintados de preto, armados com arcos e flechas e umas espingardas adquiridas dos próprios garimpeiros, invadiram os sítios de trabalho de dois garimpos localizados entre os rios Catrimani e Apiaú. Os mesmos procederam dos rios Catrimani, Pacu, Anaualina e Mucajaí, liderados pelo índio Davi Xirixana, um dos Yanomami que mais compreende as trágicas consequências que a penetração desordenada está trazendo para seus parentes.

Durante esta primeira incursão os guerreiros queimaram barracas e roças de um garimpo, quebraram as ferramentas dos invasores e depois enfrentaram uns 40 homens armados em plena atividade de garimpagem num segundo local onde havia "muitas casas iguais à da vila de Mucajaí", roças plantadas com produtos de curto e longo ciclo, duas cantinas e bastante cachaça.

Depois das primeiras horas de tensão, com alguns índios cobrando a morte de seus parentes, os Yanomami decidiram não entrar em briga aberta com seus adversários mas simplesmente explicar-lhes que estavam agindo contra a Lei garimpando dentro dos limites do Parque Indígena Yanomami, exigindo sua retirada imediata. Estes, por sua vez, alegaram que não sabiam que estavam garimpando em área indígena.

Os índios, no dia seguinte, se retiraram da área prometendo voltar com reforço de homens caso os garimpeiros não saíssem de suas terras.

No dia 26 de fevereiro, um novo grupo de homens, acima de vinte, acrescido das Polícias Militar e Federal, armados, dirigiu-se para a área do Apiaú para cumprir a Lei, ou seja, expulsar os garimpeiros da área do Apiaú, que é parte integrante do Parque Yanomami.

APIAÚ - SITUAÇÃO DE CONTATO

Entre os rios Apiaú e o alto Catrimani funcionam vários garimpos clandestinos de ouro há pelo menos três anos e meio, com centenas de garimpeiros brancos espalhados em pequenos grupos recebendo lançamentos através de clareiras abertas na mata. Em certos sítios de trabalho conseguiram, inclusive com a ajuda de certos índios Yanomami, cultivar milho, feijão, banana e macaxeira.

Seus pontos de partida para os garimpos do Apiaú são as vilas de Mucajaí e Caracarái, lugares de onde penetram na área indígena por via fluvial e/ou a pé.

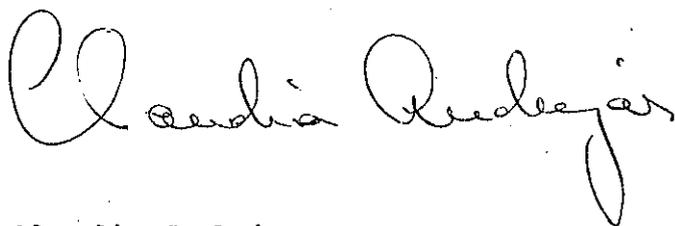
Em 1983 a FUNAI, junto com a Polícia Federal, tentou a evacuação dos garimpeiros, sem sucesso. No mesmo ano a FUNAI foi informada do falecimento de um dos garimpeiros brancos no Apiaú, cuja morte não foi possível apurar mas que, segundo os índios Yanomami, resultou de conflitos entre os invasores e um grupo Yanomami ainda arredio, os Moxihatete.

Em 1984 pelo menos três Yanomami da comunidade dos Apiauprautheri morreram em consequência da malária, enquanto dezenas de outros sofreram as nefastas consequências das invasões. Uma das mulheres vitimadas era mulher do Tuxaua Vital, que ainda mantém dolorosas lembranças das nefastas consequências da construção da Perimetral Norte. Seu grupo local em 1977 perdeu a metade de sua população em consequência de um surto de sarampo. Vale a pena ainda mencionar que todos os índios da região do alto rio Catrimani, Jundiá, Lobo d'Almada e Apiaú são índios isolados e que entre eles se encontram pequenos grupos arredios.

APIAÚ - POSTO DE VIGILÂNCIA

Atualmente a FUNAI está instalando um posto de vigilância no rio Apiaú, nas imediações dos limites do Parque Indígena, para melhor controlar a entrada de não índios na área indígena daquela região.

Pequenos grupos de Yanomami que habitavam a região do Apiaú e que nos últimos anos se refugiaram na área do médio Mucajaí frequentemente se empregam entre os colonos da região de Alto Alegre, encontrando-se em situação precaríssima de saúde, muitos atingidos por tuberculose e prontos para retornar ao seu habitat tradicional, o Apiaú, perto do posto, tão logo seja instalado.



Claudia Andujar
Coordenadora

São Paulo, 07 de abril de 1985

Comissão pela Criação do Parque Yanomami - CCPY
Rua São Carlos do Pinhal, 345
01333 São Paulo, SP

CA/lp

23.02.85

YANOMAMI: A INVASÃO ARMADA DE SURUCUCUS

O inconformismo de setores radicais anti-democráticos

Desta vez a invasão da serra de Surucucus foi debelada, mas a ameaça continua e nossa preocupação diante desse crime inédito de vandalismo é imensa. A invasão só não teve êxito em virtude de um fato casual: um "furo" da imprensa na véspera do carnaval alertando a FUNAI sobre a invasão.

Com o apoio do General Arídio Martins de Magalhães, governador de Roraima, e da polícia militar a FUNAI conseguiu, durante os quatro dias de carnaval, sustar a operação. Mesmo assim, nossa apreensão continua diante das pressões existentes para que se abra Surucucus para a mineração de qualquer modo.

O comando da invasão parece ter tido apoio de Brasília e fala-se em nomes como João Fagundes, Deputado Federal de Roraima, e Cesar Cals, Ministro das Minas e Energia, além de outros notórios interessados nas riquezas de Surucucus dentro do governo estadual do Amazonas e no próprio Território Federal de Roraima.

Para a realização de tal operação bem organizada foram mobilizados recursos de grande vulto, com um número considerável de homens fortemente armados, vários aviões e com o apoio da "Rede de Televisão Independente" de Manaus. A sustação da publicação do decreto de mineração, assinado em dezembro último pelo Presidente Figueiredo, não é mera coincidência, pois uma vez que legalmente não se conseguiu abrir Surucucus para mineração, formou-se um alto comando com amplo financiamento para uma invasão aéro-transportada, inclusive com equipamento bélico de uso exclusivo das Forças Armadas.

A operação começou no dia 14 com a chegada de 5 aviões no período de duas horas com 60 dos 3.000 garimpeiros previstos para tomar posse da serra. Mas as pistas de aterrissagem foram interditadas e o Governador de Roraima ordenou a proibição de qualquer vôo com garimpeiros ou alimentos para a área. Quarta-feira de cinzas, dia 19 de fevereiro, a FUNAI com a ajuda de dois aviões bimotores e da Polícia Militar retirou os garimpeiros da antiga pista da DOCEGEO, que os invasores haviam conseguido limpar e colocar em funcionamento. Sessenta e sete invasores e 2.500 quilos de mercadorias foram trazidos de volta a Boa Vista, com o governador se oferecendo para pagar a volta dos garimpeiros a seus lugares de partida. Nesse meio tempo, o Deputado João Batista Fagundes mandou um telegrama e fez várias comunicações por rádio, encorajando a tomada de Surucucus. O líder das operações, o empresário José Altino Machado, foi preso. (1)

A Comissão pela Criação do Parque Yanomami (CCPY), muito preocupada com a situação, despachou um telegrama ao Presidente eleito Tancredo Neves, solicitando seu apoio. Na íntegra, o texto é o seguinte:

(1) Liberado posteriormente, aguardando julgamento em Boa Vista.

"Muito preocupados e acreditando num governo democrático, solicitamos Vossa Excelência pronunciar-se a favor da não-violação das terras indígenas Yanomami e da retirada imediata dos invasores conforme Art. 198 da Constituição. Atenciosamente,
Claudia Andujar Coordenadora
Eunice Paiva Advogada"

A invasão é um ato brutal, criminoso e visava criar uma situação irreversível; é uma violação aberta aos direitos à vida e terra Yanomami, cuja área foi interdita pelo Ministro do Interior em 1982 e reconhecida, para efeitos administrativos, como Parque Indígena, pela Portaria 1.817 da FUNAI, em 08.01.85.

O atentado é um alerta para todos nós. No caso da invasão de Surucucus, a última grande nação indígena relativamente isolada foi ameaçada de extinção, mas, além dessa gravíssima constatação, ficamos surpreendidos com o fato de que existam poderosos grupos econômicos e políticos, organizados e dispostos a alcançar pela violência suas ambições, desobedecendo a lei, e dispostos a criar desordem social dentro do país, que se prepara para o retorno à democracia. Os inimigos dos povos indígenas desconsideram os direitos mais elementares dos seres humanos, e estão cínica e friamente preparados para invadir, saquear e matar.

No caso do Parque Indígena Yanomami, parece haver um plano de vandalismo em preparação para que nos próximos dois anos Surucucus seja explorada de qualquer jeito e a qualquer custo.

Não é só Surucucus, porém, que está ameaçada dentro da área Yanomami. Agora mesmo, 25 índios Yanomami das regiões da bacia do rio Catrimãni e da comunidade de Davi Yanomami, os Hapahanapitheri, pela primeira vez, estão se organizando em expedições de defesa de sua área, seriamente ameaçada pela presença de garimpeiros que para lá continuam a se dirigir por via fluvial e por terra, recebendo fornecimento lançado por aviões. Apesar de avisos e intervenções da FUNAI, Polícia Federal e Militar, os garimpeiros não querem abandonar a área indígena e uma ação mais eficaz se torna cada vez mais necessária e urgente.

Outra área sob grande ameaça é a região dos rios Ericó, Uraricaá e Surubai, no noroeste do Parque Indígena. Até pouco tempo atrás, os garimpeiros da região de Santa Rosa restringiram suas atividades até o limite da área indígena, isto é, até o igarapé Pacasibi. Atualmente, todavia, esse limite foi superado e inúmeras grotas e barrancos estão sendo explorados rio Ericó acima, aproximando-se perigosamente de malocas indígenas e do próprio Posto de Vigilância da FUNAI em Ericó. O grande movimento de garimpeiros, mercadorias e máquinas, através das duas pistas de pouso -- ambas dentro da área indígena -- leva a crer que as pretensões dos garimpeiros não se resumem à exploração da área já invadida, mas também à ocupação de outros trechos do território

Yanomami, onde há indícios de minérios.

Por isso, a CCPY faz um apelo urgente às entidades e pessoas que têm dado apoio ao povo Yanomami para que façam chegar à opinião pública e aos meios de comunicação a dramática situação que pesa sobre aquele povo, pedindo aos órgãos competentes pronunciamentos claros e definitivos em favor da preservação das terras Yanomami através do seguinte:

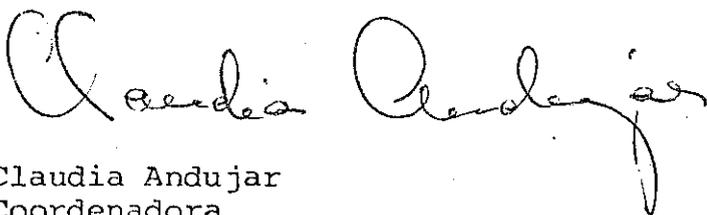
1º esclarecimento público do ato de vandalismo cometido através da invasão de Surucucus em fevereiro último;

2º investigação e divulgação dos nomes dos personagens envolvidos no crime;

3º ação judicial a nível federal para os envolvidos no crime e uma posição pronta e firme da parte dos órgãos competentes federais em relação a qualquer novo atentado;

Considerando ainda o fato de que o Parque Indígena Yanomami não foi decretado nem demarcado, solicitamos aos órgãos competentes levar a cabo essas medidas, conforme a Portaria da FUNAI Nº 1817 de 08.01.85, que reconhece para efeitos administrativos 9.419.108 ha como Parque Indígena Yanomami.

Será necessária ainda a estruturação imediata dos Postos de Vigilância em vários pontos estratégicos onde houver penetração de garimpeiros e efetuar a evacuação dos mesmos.



Claudia Andujar
Coordenadora

Comissão pela Criação do Parque Yanomami - CCPY
Rua São Carlos do Pinhal, 345 - ap 2006
01333 São Paulo, SP
Tel.: 288 4008

O SR. JOÃO BATISTA FAGUNDES (PDS — PR. Pronúncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, a imprensa nacional destacou a recente "invasão," por parte de garimpeiros, de uma reserva indígena existente no Território Federal de Roraima, na Região de Surucucús.

A notícia, dolosamente exagerada por parte dos noticiários, pintava os garimpeiros como "um grupo fortemente armado utilizando equipamentos militares" para promover a ocupação da reserva indígena, com séria ameaça ao grupo lá existente.

Mas o que não se disse foi que os IANOMANIS vivem, como tantos índios, de Roraima, inteiramente abandonados pela FUNAI e dão graças a Deus quando aparece alguém por lá, levando algo daquilo que o órgão tutelar deveria levar e se omitir.

Não se disse também que a metade do Território de Roraima está inteiramente bloqueado a qualquer atividade de mineração. E, enquanto persistir esta anomalia por falta de uma demarcação dos exatos contornos da reserva indígena, sempre haverá episódios como esse, pois a falta de cumprimento da lei por parte da FUNAI, no tocante à demarcação da reserva, gera a falta de cumprimento da lei por parte do garimpeiro que para lá dirige.

Também não se disse que a Região de Surucucús não é uma reserva indígena, como se apregou. Mas uma área interditada pela FUNAI, que poderá transformar-se ou não em reserva.

Aliás, em matéria de área interditada, o Território de Roraima é recordista absoluto, e dolorosamente devo dizer que os maiores latifúndios improdutivos do mundo lá se localizam, em nome da defesa do interesse indígena!

Era de se esperar que os índios roraimenses vivessem em total estado de graça, graças à generosidade do tamanho de suas terras. Mas o que se verifica é um total abandono por parte da FUNAI, que procura justificar a incuria e a incompetência, jogando a culpa nos garimpeiros e nos fazendeiros da Região, sempre que ocorre qualquer conflito de interesse entre o índio e o branco.

A FUNAI não deveria bradar com tanta ênfase contra a "invasão" de brasileiros em terras brasileiras. Brasileiro não invade o Brasil. Aliás, Cabral, que era português, não nos invadiu em 1.500. Segundo consta do mais elementar dos livros de história, Cabral descobriu o Brasil. E segundo também consta, o Marquês de Pombal expulsou os jesuítas porque eles pretendiam manter o índio isolado, fora do caldeamento, que deu origem à etnia brasileira que o poeta definiu como a "flor amorosa das três raças tristes..." Em Roraima estamos precisando urgente de um novo Marquês de Pombal!

O que a FUNAI deveria denunciar aos quatro ventos é a verponhosa invasão que se processa por entidades estrangeiras, americanas e canadenses, sob a bênção do órgão tutelar e com a convivência de antropólogos de outras origens, entre os quais a Sr^a Cláudia Andujar. Suíça naturalizada americana; que não guarda qualquer identidade com a cultura brasileira.

Por isso mesmo insistem na criação de uma nação binacional entre o Brasil e a Venezuela, para servir de território indígena.

Esse absurdo jamais foi criticado pela FUNAI que se preocupa demais com o garimpeiro faminto, que, sem ré-

gua e sem compasso, traçou para a posteridade os exatos contornos do mapa do Brasil, que hoje tentam solapar. É claro que o garimpeiro atrapalha esse tipo de operação, porque chama a atenção de todos para o absurdo que é um pedaço de Brasil interditado a brasileiros, ao mesmo tempo em que americanos e canadenses transitam impunemente retirando nossas riquezas minerais.

Felizmente, estamos às vésperas de uma nova república, prenunciando o raiar de uma nova aurora! E o trabalho da aurora é sempre mais fecundo que o sereno do crepúsculo.

Sob a liderança do Presidente Tancredo Neves, haveremos de aplicar o dispositivo legal que estabelecer prazo para a demarcação das reservas indígenas. Haveremos de criar em Roraima áreas exclusivas ao garimpo e à mineração industrial, abolindo esse paternalismo exagerado em torno do índio que se tornou latifúndio contra a própria vontade... E haveremos de criar um Brasil mais brasileiro, integrando o índio à comunidade brasileira conforme prevê o Estatuto do Índio, que não vem sendo cumprido por parte do órgão encarregado da tutela. E haveremos, finalmente, na forma de um projeto que pretendo apresentar, extinguir-se a FUNAI, que será substituída por organismo de caráter regional, encarregado de resolver o problema indígena, em função das peculiaridades regionais de cada grupo, tornando o índio um participante ativo na comunidade nacional e não um eterno parasita tutelado, alheio ao grêmio da civilização.

Vamos ajudar o índio, mas vamos salvar o Brasil de todos nós!